



MAURÍCIO  
WALDMAN

## O colapso da favela high tech

Nos anos 2005-2010, como poucas vezes ao longo de sua história, a euforia parecia ter tomado conta do Brasil. Com a economia a todo vapor, o país estaria, enfim, se tornando sócio do primeiro mundo. Moradores da periferia, que sempre estiveram à margem do consumo, acudiam a shoppings dantes tão distantes quanto a lua.

Até a respeitada revista britânica "The Economist" deu o ar da graça. A capa de novembro de 2009 saudava o deslanche econômico do país como "a maior história de sucesso na América Latina". Imagem, como se diz, vale por mil palavras. Este foi o maior feito da revista. A capa exibia montagem do Cristo Redentor decolando tal qual um foguete. Triunfalmente, o título da edição era Brazil takes off: O Brasil decola.

Esta iconografia logo correria o mundo. Refletia onda de otimismo comparável ao bordão "Brasil potência", incensado pelo regime militar nos anos 1970. O então presidente Lula batia recordes de aprovação. Nem mesmo o rumoroso escândalo do mensalão abalara o prestígio auferido pelos indicadores econômicos. A boa percepção da economia explicaria a reeleição de Lula em 2005, garantindo segundo mandato que como o primeiro, manteve a ciranda sedutora do consumismo.

Mas, milagre não existe. A "Era Lula" beneficiou-se da procura global por commodities, cujos preços foram inflados por enormes encomendas de minérios, proteína animal e grãos, em especial da China, fator de peso, pois este país crescia 10% ao ano desde 1980. Adquiria 30% do ferro, 12% da platina, 15% do alumínio, 15% do cobre e 20% da soja mundiais.

Assim, favorecidos pela demanda externa e vitaminados por programas de geração de renda, grupos apartados do consumo passaram a se fazer notar no comércio, lojas e internet. Quarenta e cinco milhões entraram na web em 2006-2009. Foi a maior migração na direção de uma mídia desde a chegada da TV no Brasil, nos anos 1950.

Parabólicas emergiram nas favelas. Computadores, ar-condicionado, freezers, celulares, comida pronta e

lap tops eram agora parte do cotidiano das periferias. A geração de resíduos aumentou. Em 2009, o país desovou 1,15 kg/hab/dia de lixo, média comparável a europeia, estimada em 1,2 kg/hab/dia.

Porém, nem tudo que reluz, reluz a ouro. Especialistas questionavam a exaltação triunfalista do país. Alertavam, por exemplo, que "The Economist", cuja linha editorial alinha-se ao capital financeiro, exaltava, na realidade, gestão fiadora de lucros jamais vistos pelos bancos. Também advertiam que o contexto econômico inspirava cautela. Apoiado em demandas globais episódicas, o cenário poderia ser enganador. Apenas uma bolha de consumo. Nada de crescimento real.

É o que transpareceu em 2015. Marcado pela recessão e desemprego, o ano instila frustrante sensação de engodo motivado por bolha de ilusões. E quem julgou que a vida dos excluídos melhorou com as novas montanhas de lixo, errou redondamente. Nesta universalização seletiva da inovação, pobres podem até acessar impulsos digitais, mas continuam a ser o que sempre foram: excluídos que moram em favelas, cortiços e guetos.

Assim, tudo o que foi duramente obtido em prestações a perder de vista, segue na mira da primeira enxurrada, da violência urbana ou vendido para fazer caixa. São, inclusive, colocados de lado, porque ninguém aguenta a conta de energia. Principalmente os mais pobres.

À presidente Dilma Rousseff, que se distingue por rompantes bizarros em franco desafio a qualquer lógica - econômica ou não - colocam-se duras provas. Dado que Dilma jactou-se em apoteótico discurso, de não colocar metas para assim atingi-las, como até mesmo ultrapassá-las, fica então difícil esperar solução à vista no horizonte.

Contudo, certo mesmo é que o animador contexto global desfrutado por seu antecessor se foi para sempre.

Quanto à favela high tech, esta simplesmente se foi sem nunca ter sido.

Maurício Waldman é jornalista, coordenador editorial e pesquisador acadêmico. Pós-doutor em geociências pela Unicamp (Universidade de Campinas, 2011) e em relações internacionais pela USP (Universidade de São Paulo, 2013). Waldman é autor de 16 livros e de centenas de artigos, publicados no Brasil, Israel, Alemanha e Angola.

EDITORA KOTEV



Conheça os títulos de Maurício Waldman publicados pela Editora Kotev. Acesso:

Plataforma Internacional Kobo:

<https://store.kobobooks.com/search?Query=%22maur%C3%ADcio+waldman%22&pageNumber=1>

